

CRISTIANE MONTOZO FIORIN

UMA VISÃO DO CORPO NA ARTE E NA PEDAGOGIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CAMPINAS - 1997

CRISTIANE MONTOZO FIORIN



UMA VISÃO DO CORPO NA ARTE E NA PEDAGOGIA

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de **Licenciado em Educação Física**, sob a orientação da Prof.a. Dra. Carmen Lúcia Soares.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CAMPINAS - 1997

AGRADECIMENTOS

“Que tristes os caminhos se não fosse a mágica presença das estrelas”

Mário Quintana

Agradeço às “estrelas” que iluminaram esta trajetória:

Meus pais, Marilda e Sérgio, pela paciência e pelo amor incondicional em todas as horas.

Ao meu namorado, Carlos, pelo seu imenso carinho, pela ajuda na digitação deste trabalho e por ter me propiciado o encontro com a arte.

À minha orientadora, Carminha, pela orientação correta e pelos “puxões de orelha.”

Aos meus queridos amigos da turma 94, que sempre me apoiaram e me estimularam na realização desta monografia.

À Laurita, pelo “empurrãozinho” dado na hora certa.

A todos os professores e funcionários da FEF - Unicamp.

RESUMO

Esta monografia foi sendo construída a partir de leituras específicas em assuntos relacionados à temática da arte, da minha própria experiência pessoal neste campo do conhecimento, e da leitura de alguns livros considerados fundamentais em nossa área, como: *Educação Física Escolar - Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*, de Go Tani; *Educação de Corpo Inteiro*, João Batista Freire; *Metodologia do Ensino de Educação Física*, Coletivo de Autores e *Visão didática da Educação Física*, feito pelo grupo de trabalho pedagógico da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal de Santa Maria. O objetivo deste trabalho não foi o de apontar uma nova metodologia de ensino para a nossa área baseada na arte, mas sim chamar atenção para o fato de que estamos esquecendo de incluir em nossa prática profissional um olhar mais poético, mais sensível para o corpo. Constatei que poucas são as teorias que tentam olhar para a Educação Física de forma mais abrangente, tratando as práticas corporais como parte da cultura, como prática social. Mas por que buscar auxílio nas artes? O que nós, professores de Educação Física, temos a aprender com isso? Diria que a arte tem a capacidade de retratar tudo isso de forma clara, nos dando a exata dimensão do que acontece a nossa volta, expandindo as reflexões sobre pessoas e suas práticas sociais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
Capítulo I - Arte: primeiros ensaios	6
Capítulo II - Pedagogia, Arte e Educação Física: Esboços para uma possível obra prima.....	14
Lista de Figuras	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

Em 1995, tive a oportunidade de passar vinte dias na Itália fazendo um curso denominado *Arte e Civilização em Veneza*, onde pude ter um maior contato com obras de arte, principalmente pinturas, de diferentes pintores em diferentes épocas. Eram aulas onde discutíamos, olhávamos e principalmente nos deliciávamos com o horizonte de informações novas que vinham a cada momento. A história do homem, suas práticas, a sensibilidade do artista, sua história de vida estavam bem a nossa frente. Muitas vezes me peguei apenas olhando e tentando descobrir o que determinado quadro provocava em mim: raiva, alegria, fascínio... e senti que talvez ali estivesse começando uma paixão, pois algo tocava em mim da mesma forma que tocou o pintor um dia.

Durante os três meses que passei na Europa, pensei muito sobre a arte, e precisei redimensioná-la na minha escala de valores, pois a arte passou a ser para mim um assunto de peso. Não era mais uma simples escultura que eu olhava, mas uma criação humana que falava sobre coisas da humanidade. A minha história estava presente ali também e, quem sabe, não poderia me ajudar a compreender as situações de forma mais ampla.

Ao voltar para o Brasil, comecei a freqüentar as aulas de Didática para o curso de Educação Física, e qual não foi a minha surpresa quando um dia a professora responsável por esta disciplina, nos trouxe uma série de livros de diferentes pintores e pediu que olhássemos e depois traçássemos alguns paralelos entre tais quadros e a nossa futura profissão. Quantas imagens, quantos sentimentos vieram em minha mente, e percebi que estes dois universos tinham mais relação do que eu poderia imaginar. Esta monografia tenta introduzir o leitor ainda não habituado a olhar a Educação Física sob as lentes da arte, neste “outro mundo” de relações que começa a emergir.

Que as imagens existentes ao longo da monografia não sirvam só de enfeite ou ilustração, mas principalmente sirvam como uma fonte, onde o leitor poderá beber da água mais clara, mais límpida e fresca. Que possa beber das suas próprias idéias e experiências de vida.

Boa leitura!

Capítulo I - ARTE: PRIMEIROS ENSAIOS

Falar sobre arte em uma monografia de final de curso de Educação Física, possivelmente soará para alguns como algo completamente fora de sentido, fora de razão, já que o tema "arte" é, para muitos, algo tão distante e completamente oposto às realidades e discussões vividas no curso.

Nas primeiras vezes em que manifestei o desejo de fazer um trabalho utilizando este tema, percebi que muitos não entendiam bem o motivo de relacionar arte \times corpo \times pedagogia. Este trio parecia impossível de ser unido. Corpo e pedagogia até que tinham uma certa lógica, mas arte? Onde colocar? O nosso modo de pensar as coisas relacionadas à Educação Física se restringe a certos modelos que historicamente nos foram impostos e isto, muitas vezes, nos impede de, pelo menos, tentarmos entender esta possível relação. Nossa área buscou respostas para seus problemas predominantemente nas ciências biológicas e se esqueceu um pouco de que outras áreas do conhecimento podem nos ajudar a entender um pouco melhor a Educação Física. Se hoje vemos filósofos, psicólogos, médicos emitindo conceitos e novas teorias em nossa área, porque não abrimos a nossa mente para escutarmos o que os artistas têm a nos dizer.

Infelizmente, sair dos nossos modelos, creio ser um grande desafio, pois ainda não estamos acostumados a pensar em coisas, situações que fogem

do nosso padrão. Simplesmente as rejeitamos pois não se encaixam no nosso modelo de pensamento. Queremos saber sempre qual modelo teórico o trabalho de uma pessoa vai seguir, quais técnicas de pesquisa, qual modelo para se analisar um quadro. Ter modelos é necessário, no entanto não devemos fazer nossa vida em função deles.

O livro *Palomar* de Ítalo Calvino conta a história de um personagem que vive em busca de modelos para conseguir viver e interagir na sociedade. Para ele, todas as situações da vida deveriam se encaixar em modelos, os mais perfeitos possíveis:

*"Na vida do senhor Palomar houve uma época em que a regra era esta: primeiro, construir na sua mente um modelo, o mais perfeito, lógico, geométrico possível; segundo, verificar se o modelo se adaptava aos casos práticos observáveis na experiência; terceiro, introduzir as correções necessárias para que o modelo e a realidade coincidisse. (...). Era necessário conseguir ter presente, por um lado, a realidade informe e insensata da convivência humana que não faz mais do que gerar monstros e desastres e, por outro lado, perfeito, desenhado com linhas claramente traçadas retas e círculos e elipses, paralelogramos de formas, gráficos com abcissas e ordenadas."*¹

No entanto, após buscar tantos modelos, indo ao limite entre o exagero e o impensável, Palomar percebe que não existe modelo para tudo e que devemos estar atentos para o que acontece para além destes modelos: as mudanças que a sociedade vai lentamente adquirindo, os valores e hábitos que se modificam, as inúmeras situações que nos cercam e que não damos a menor importância por estarmos presos em nossos modelos.

¹ CALVINO. *Palomar*. p.113

Ao admirarmos arte, todos nós, inevitavelmente vamos repletos de modelos que muitas vezes nos impedem de perceber relações óbvias e prazerosas com nosso mundo, com a nossa profissão, etc. Concordo completamente com Gombrich quando afirma que: "...temos o curioso hábito de pensar que a natureza deve parecer-se com as imagens a que nos acostumamos"². Indo além, percebemos que somos assim em tudo pois nunca olhamos para uma situação nova sem antes compararmos com aquilo que já nos parece certo. Nossa primeira tendência é renegar tudo aquilo que foge dos nossos padrões, dos nossos dogmas, ou seja, renegamos tudo o que é novo em um primeiro momento.

Aqui vai então um convite para que o leitor faça como Palomar, saia de seus modelos e percorra com olhos críticos, porém suaves, este tema que esquecemos freqüentemente de incluir em nossas vidas.

Para entrarmos neste mundo maravilhoso (e muitas vezes amedrontador), empresto as palavras de E. H. Gombrich:

"Nada existe realmente a que se possa dar o nome de Arte. Existem somente artistas. Outrora eram homens que apanhavam um punhado de terra colorida e com ela modelavam toscamente as formas de um bisão na parede de uma caverna; hoje, alguns compram suas tintas e desenham cartazes para os tapumes; eles faziam e fazem muitas outras coisas. Não prejudica ninguém dar o nome de arte a todas estas atividades desde que se conserve em mente que tal palavra pode significar coisas muito diversas em tempos e lugares diferentes, e que Arte com A maiúsculo não existe. Na verdade, Arte com A maiúsculo passou a ser algo como um bicho-papão, como um fetiche. Podemos

² GOMBRICH. *História da Arte*. p.12

esmagar um artista dizendo-lhe que o que ele acaba de fazer pode ser excelente a seu modo, só que não é "Arte". E podemos desconcertar qualquer pessoa que esteja contemplando com deleite uma tela declarando que aquilo que ela tanto aprecia não é Arte, mas uma coisa muito diferente".³

Quando falamos em arte, é importante ressaltar que fazem parte dela a dança, o teatro, a literatura, a escultura a pintura, a música, o cinema etc.

Temos o costume de pensar a arte de forma restrita, enfocando só um de seus aspectos. Para evitar isso, nesta primeira parte da pesquisa falarei de arte em geral.

Ao apreciarmos uma obra de arte entramos, inevitavelmente, em um mundo desconhecido, muitas vezes amedrontador pois é como se estivéssemos frente a frente com o mundo, com a história e em última análise, com o mais íntimo de si. Olhá-la, apreciá-la, requer disponibilidade de aceitar uma nova visão de mundo, de corpo, ou de sociedade, expressa em um espetáculo de dança, em um filme ou um quadro. Segundo Gombrich: *"(...) para nos deleitarmos com essas obras devemos ter um espírito leve pronto a captar todo e qualquer indício sugestivo e a reagir a todas as harmonias ocultas".⁴*

As obras de arte não são fruto de um atividade misteriosa, mas objeto feito por seres humanos, para seres humanos. Logo, não há que se complicar o seu entendimento. A arte, antes de tudo fala ao coração, às nossas emoções e são essas que darão o direcionamento necessário para entendermos a racionalidade existente dentro dela. Frequentemente banalizamos o trabalho de alguns artistas pois achamos seguramente que é algo bastante fácil de ser realizado.

³ GOMBRICH. *Op. cit.*, p.3

⁴ GOMBRICH. *Op. cit.*, p.17

Artistas são considerados, muitas vezes, loucos, fora de órbita e suas obras simples,... "viagens". É necessário esclarecer que a razão está presente em toda obra por mais abstrata que pareça. Elas são pensadas e muito, antes de serem construídas. Quem ousaria dizer que os quadros de Leonardo da Vinci são puramente delírios? Na construção de seus quadros existe toda uma lógica quase matemática, desde a colocação dos personagens até a escolha das cores para melhor compor os efeitos. Mesmo Salvador Dalí, considerado o mais louco de todos os pintores, raciocinou, estudou, sofreu para compor seus quadros.

Seria impossível olhá-las como simples devaneios. O artista sofre para compor sua obra da mesma forma que um engenheiro quando precisa montar um projeto em um determinado tempo. Ele estuda, testa, faz e desfaz inúmeras vezes o seu trabalho. Com os artistas é exatamente a mesma coisa.

Quando lemos um artigo científico, milimetricamente redigido em todas as suas particularidades, torna-se mais fácil entendermos o que o cientista quis nos mostrar, pois exige muito mais do nosso raciocínio lógico, conhecimento este que é priorizado em nossa sociedade. Já uma obra de arte pode ter um significado "correto" para cada pessoa pois, ao apreciarmos arte colocamos a nossa experiência de vida (que é única), os nossos pensamentos/sentimentos em confronto com o de uma outra pessoa. Levando isto em conta, teremos opiniões diferenciadas sobre um mesmo tema.

Penso que um dos motivos pelo qual a arte é vista como uma forma elitizada de cultura, vem do fato de que as pessoas acham que é preciso ser uma espécie de "iniciado" para conseguir entendê-la. Ficamos com medo de dizer alguma bobagem frente a um quadro famoso como, por exemplo, Guernica de Pablo Picasso ou a Mona Lisa de Leonardo da Vinci. Outro fator elitizante é que espetáculos de dança, livros, entrada em museus são muito caros

e poucos tem acesso à isso. A cultura de massa, mais barata e de rápida assimilação, é muito mais interessante pois mantém o status quo de uma determinada sociedade e mantém a arte em um pedestal elevadíssimo. Na antiguidade, vemos que as obras de arte eram para serem vistas, tocadas e sentidas. Elas faziam parte do cotidiano das pessoas nas praças, nos mercados, nas ruas.

A arte é uma máquina infernal de produzir significações, pois por mais que passemos indiferentes diante de uma obra, algo vai nos chamar a atenção, seja para criticá-la ou apreciá-la e aí já não somos os mesmos de cinco minutos atrás. Já interagimos de alguma forma com ela. A esse respeito, Marilena Chauí, observa que:

"...o que há de espantoso nas artes é que elas realizam o desvendamento do mundo recriando-o noutra dimensão e de tal maneira que a realidade não está aquém e nem na obra, mas é a própria obra de arte."⁵

Em um outro contexto, arte e ciência caminham juntas. Para Tolstói:

"A verdadeira ciência investiga e traz para a percepção humana verdades e conhecimentos que as pessoas de um determinado tempo e sociedade consideram mais importantes. A arte transmite essas verdades da região da percepção à região da emoção (...)"⁶.

O autor acredita que por serem tão próximas uma influencia diretamente a outra e dá à arte uma dimensão mais ampla quando diz que "arte é um assunto de peso"⁷ e, sendo assim, possui funções que ultrapassam a simples apreciação:

⁵ CHAUI. *Convite à Filosofia*. p. 316

⁶ TOLSTÓI. *O que é a arte?* p. 153

⁷ TOLSTÓI. *Op. cit.* p. 159

"Se pela arte foi inculcado nas pessoas o modo como elas devem tratar os objetos religiosos, os seus pais, as suas crianças (...), como se portar frente aos mais velhos, seus superiores (...) e isso foi obedecido durante gerações por milhões de pessoas, não somente não forçados por qualquer violência, mas de modo que a força de tais costumes não pode ser sacudida de nenhuma forma exceto por meio da arte, então através da arte também outros costumes (...) podem ser evocados.⁸"

Arte e ciência formam um binômio inseparável pois uma não existiria sem a outra. Mesmo parecendo abstrato demais, as duas são faces diferentes de um mesmo conhecimento – o conhecimento sobre as coisas existentes no mundo. A arte antecede a ciência. Em muitos campos do conhecimento vemos que a arte abre o caminho para que um determinado ramo da ciência se desenvolva. Na época do Renascimento⁹, os próprios pintores fabricavam suas tintas através de pedras como o lápis-lazúli. A química, algum tempo depois, começa a estudar a composição dos materiais utilizados na preparação da tinta para fabricá-la através de materiais sintéticos. Os estudos de biomecânica se iniciaram com pinturas, onde artistas tentavam copiar o galope dos cavalos, por exemplo. A partir de tais pinturas, os cientistas começaram a estudar mais profundamente como se dava a marcha não só dos animais, mas também a marcha humana. A arte instiga o homem a dar explicações sobre si próprio e sobre o mundo.

⁸ TOLSTÓI. *Op. cit.* p.160

⁹ O Renascimento foi um movimento de renovação intelectual e artística iniciado na Itália no séc. XIV e que atingiu seu apogeu no séc. XVI. A noção de "renascimento" diz respeito à restauração de valores do mundo clássico em todas as áreas: pintura, escultura, arquitetura. Não podemos concluir que o Renascimento copiou o mundo clássico, mas olhou-o de forma a fazer a sua releitura. C.f. Informações colhidas no curso "Arte e Civilização em Veneza". Veneza, Itália.1995.

A respeito disso, o poeta Borges ressalta que o livro, e por consequência a arte, tem um significado muito particular:

*"Dos diversos instrumentos utilizados pelo homem, o mais espetacular é, sem dúvida, o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio são extensões de sua voz; em seguida, temos o arado e a espada, extensões do seu braço. O livro porém, é outra coisa: o livro é a extensão da memória e da imaginação."*¹⁰

Tomo a liberdade de dizer que a arte possui esta mesma função: ela é a extensão da memória do mundo aliada à imaginação do artista. Em sendo a memória do mundo podemos olhá-la como se estivéssemos lendo um livro. Nele estarão contidos os costumes, os hábitos, a relação do homem com a natureza, com a sociedade, as mudanças ocorridas no seu corpo, a sua valorização ou total repressão. Para nós que trabalhamos com o corpo, é necessário que saibamos muito mais do que o seu funcionamento biológico, sua fisiologia. É necessário que saibamos compreendê-lo, considerando a história que está inserida nele. Olhá-lo como um produto já acabado é uma grande tolice. Desprezar a sua história então, é não ter mais instrumentos para compreendê-lo no futuro.

Finalizando, creio que Gombrich, soube explicar muito bem a importância de trazermos a arte para nossa vida:

*"(...) mas olhar um quadro com olhos de novidade e aventurar-se numa viagem de descoberta é uma tarefa muito mais difícil; embora também mais compensadora. É incalculável o que se pode trazer de volta de semelhante jornada."*¹¹

¹⁰ BORGES. *Cinco visões pessoais*, p. 5

¹¹ GOMBRICH. *Op. cit.*, p.18



Figura 1 - Dalí, Salvador

Título do quadro: "Criança geopolítica observando o nascimento do homem novo" (1943)

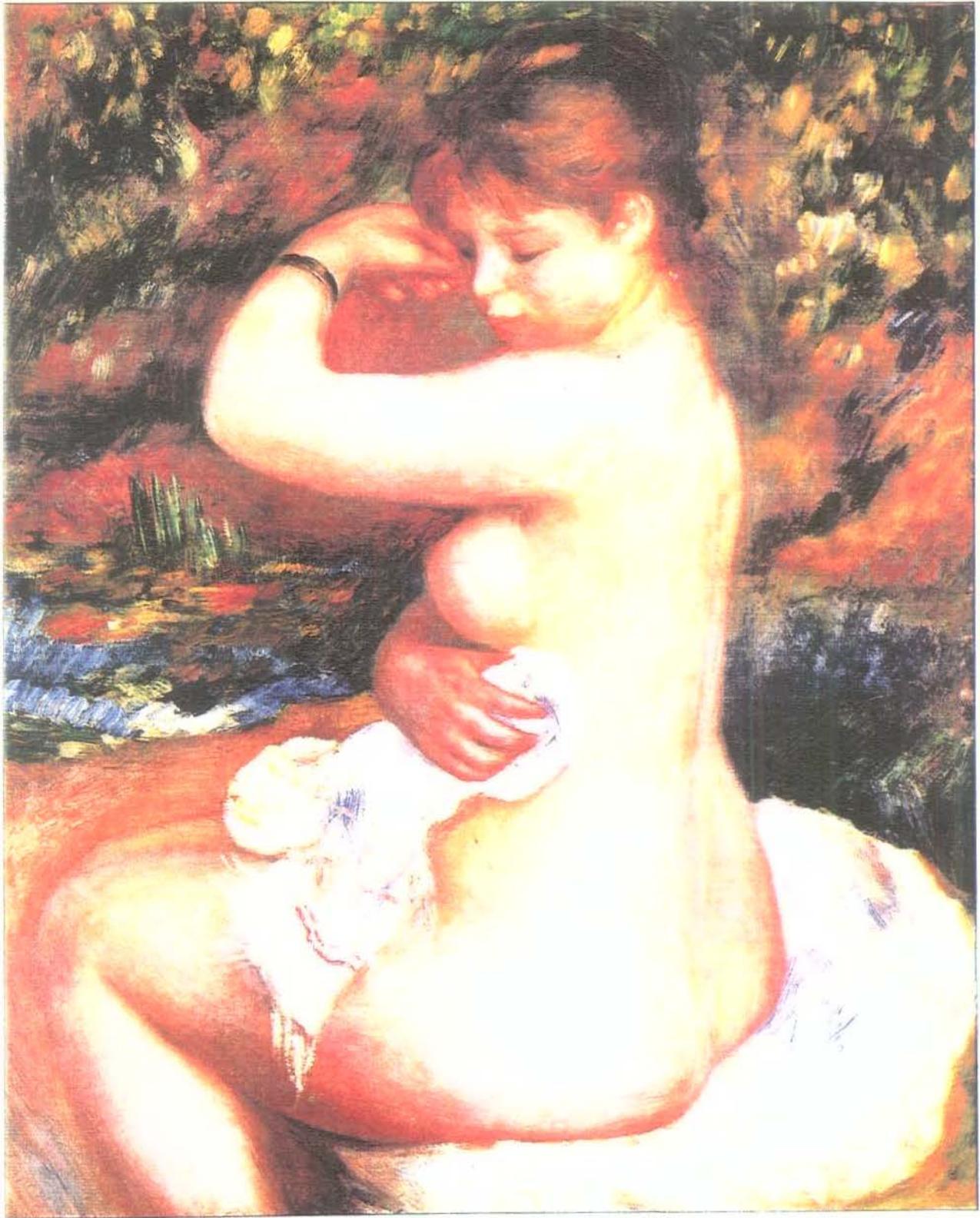


Figura 2 -Renoir, Pierre-Auguste

Título do quadro: "Depois do banho" (1888)



Figura 3 -Buonarroti, Michelângelo

Título do quadro: "A criação do homem" (1508/1512)

Capítulo II - Pedagogia, Arte e Educação Física: Esboços para uma possível obra prima

A arte, como foi dito no capítulo anterior, mais do que uma atividade estética, exprime as marcas do seu tempo. Ela tem a capacidade de sintetizar o pensamento da época em que foi realizada, nos contando uma história humana, um olhar sobre o próprio ser humano e o seu corpo. Esta monografia não tem como objetivo descrever a história do corpo e usar a arte como ilustração para tal. As obras de arte estão incluídas neste contexto porque elas também olham para o corpo e podem nos ajudar a entender melhor o mundo, os homens, e suas práticas sociais, entre elas, a Educação Física e a sua pedagogia. Creio que a arte pode nos dar subsídios importantíssimos para redimensionarmos nossos conceitos sobre o corpo na escola.

Vivemos atualmente um momento muito particular em nossa área, pois estamos aparentemente nos desvencilhando de alguns valores antigos que caracterizaram a Educação Física Escolar, e indo em busca de uma nova proposta que tenha coerência com o mundo em que vivemos hoje. É impossível seguir adiante sem que certas propostas pedagógicas sejam discutidas e reavaliadas pois, ainda, é muito comum vermos aulas em que tanto o aluno quanto o conteúdo são tratados como se estivessem no início do século, perpetuando a idéia de corpo como sendo uma máquina perfeita que deva ser treinada para garantir um bom rendimento.

Na literatura específica da área, a grande maioria ainda é composta por livros que valorizam e legitimam esta prática pelo rendimento e favorecem a separação entre corpo/mente /sociedade, tratando-os como coisas separadas sem considerar que um influencia o outro fortemente. Para este trabalho, foram lidas as principais obras que dão conta das diversas metodologias existentes na área e pouco se encontrou de uma educação mais sensível, uma racionalidade mais completa que olhe o corpo com sensibilidade e que propicie ao aluno uma educação também dos sentidos.

A escola , de forma geral, ainda não conseguiu tornar-se um lugar de educação completa, pois ainda repete a prática do ensino por "gavetas de conhecimento" que são abertas e fechadas na hora da aula e que não conseguem se articular depois com as demais gavetas, ficando o conhecimento restrito a certos padrões propostos pela escola. A Educação Física, que por sua vez, ainda é tratada como atividade , acaba ficando de fora destas gavetas do conhecimento, não se encaixando e não se articulando com conhecimento algum. A experiência sensorial é abolida da escola em favor da valorização de conhecimentos que, embora úteis, são desvinculados da experiência de vida do aluno, caracterizando uma educação sem finalidades para a vida, um simples depósito de conhecimentos.

Legitimando este pensamento, Gonçalves ressalta que :

"A aprendizagem de conteúdos é uma aprendizagem sem corpo, e não somente pela exigência do aluno ficar sem movimentar-se, mas, sobretudo, pelas características dos conteúdos e dos métodos de ensino,

que o colocam em um mundo diferente daquele no qual ele vive e pensa com seu corpo."¹²

Pensar que a nossa área, que trata das práticas corporais, vira as costas para este conhecimento é no mínimo estranho, pois a Educação Física possui um papel importante, senão fundamental, para a mudança de atitude e pensamento na educação escolar.

Os motivos que levam ao distanciamento da própria área em relação aos assuntos que são pertinentes é justificada, em parte, pelo o que foi até então considerado importante a ser estudado e pesquisado em Educação Física.

Historicamente, a Educação Física é introduzida nas escolas como forma de educar o físico do estudante, preparando-o para enfrentar o mundo com força, coragem, lealdade e amizade, valores estes que até hoje são cobrados da Educação Física. O aluno ainda vai para a escola melhorar seu físico e aprender valores que não competem ao professor de Educação Física ensinar, mas sim a própria família. Em relação ao seu físico, ainda, ele é visto como uma máquina perfeita que deve ser treinada para ser aperfeiçoada. Parece que o fascínio pela máquina ainda não deixou de deslumbrar o homem que ainda pensa o corpo como "o resultado de um mecânica arrojada", assim como Descartes o fazia no século XVII..

Em Educação Física vemos que alguns autores ainda tratam o corpo com esta perspectiva, tentando tirar o máximo do seu rendimento, olhando-o como uma engenhoca desprovida de emoções, desejos ou pensamentos próprios. O corpo é tratado por números que indicam a hora certa de se iniciar a

¹² GONÇALVES. *Sentir, pensar, agir. Corporeidade e educação*. p. 34

atividade física, o momento ótimo para desenvolver a lateralidade, a coordenação, o ritmo, etc. Para esta perspectiva, estes são os conteúdos da Educação Física na escola.

Segundo Go Tani, um dos autores que trabalha nesta perspectiva denominada Desenvolvimentista¹³, uma das tarefas primordiais da Educação Física é:

*"...Estimulação do desenvolvimento de capacidades perceptivo-motoras oferecidas em ambiente propício e organizado de acordo com as características de crescimento e desenvolvimento dos alunos envolvidos"*¹⁴

e ainda acrescenta que:

*"...Se existe uma seqüência normal nos processos de crescimento, desenvolvimento e de aprendizagem motora, isto significa que as crianças necessitam ser orientadas de acordo com estas características, visto que , só assim, as suas reais necessidades e expectativas serão alcançadas"*¹⁵

Para uma educação como esta é necessário que o professor conheça profundamente os aspectos biológicos do desenvolvimento motor pois nesta visão ele será o treinador que vai orientar seus alunos na melhoria da execução motora.

¹³ Desenvolvimentismo é o nome dado a uma das possíveis abordagens existentes na Educação Física que dá conta de analisá-la e justificá-la por um prisma biológico, tendo como tônica a correspondência dos processos de desenvolvimento humano com propostas motoras dentro da Educação Física escolar, tendo Go Tani como um dos principais autores que estudam e divulgam esse tipo de prática no Brasil.

¹⁴ TANI et al. *Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*, p. 2

¹⁵ TANI et al. *Op. cit.*, p. 2

Gallahue¹⁶ dá suporte a este tipo de prática quando determina estágios de desenvolvimento que vão desde movimentos reflexos até movimentos determinados culturalmente, e diz que a criança deve vivenciar cada uma destas fases como se fossem "estágios de aperfeiçoamento", uma seqüência "normal" que toda criança deveria passar para atingir estágios altos de habilidades motoras. Sem estas fases a criança não teria um desenvolvimento motor aceitável.

Tani justifica que:

*"...para se entender os problemas que os indivíduos encontram para adquirir habilidades específicas, é necessário retomar o processo pelo qual as **habilidades básicas** foram ou não adquiridas. Isto enfatiza a necessidade de uma atuação mais eficiente da Educação Física para a **aquisição de habilidades básicas**."*¹⁷

O desenvolvimentismo educa o movimento da criança, moldando-o para se encaixar nos padrões determinados. Não existe uma reflexão sobre o que foi feito, a criança não explorou o ambiente livremente mas foi induzida a vivenciar determinados tipos de experiências motoras. Todas as diferenças culturais, sociais são esquecidas em favor de uma padronização do movimento. Este tipo de prática privilegia o desenvolvimento de habilidades básicas tomando a Educação Física escolar como o lugar para a aquisição de tais habilidades.

Freire tenta com seu livro "Educação de corpo inteiro" trilhar uma ponte entre esta prática pedagógica e outra que seria mais humana, mais educacional. Ele parte da existência no ser humano tanto de recursos biológicos

¹⁶ Gallahue é médico e um dos autores que organizaram as bases da teoria desenvolvimentista e propõe um modelo de seqüência com o propósito de servir de base para a programação de atividades motoras para a Educação Física normal.

¹⁷ TANI et al. *Op. cit.* p. 72

quanto psicológicos, argumentando, porém, que a psicologia Infantil e a Psicomotricidade reservaram uma parcela do seu trabalho à descrição de movimentos realizados pelas crianças ao longo de seu desenvolvimento, por vezes deixando de lado aspectos considerados, por ele, como fundamentais: o cultural e o social.

No entanto vemos que não basta mudar a denominação se o conteúdo pensado continua o mesmo. Tanto Tani quanto Freire fazem considerações a respeito da aquisição dos padrões fundamentais de movimento, ou habilidades básicas. Ambos concordam que é importante a aquisição destes movimentos, mas fazem uma certa diferenciação conceitual quando o primeiro fala em padrões de movimento, e o outro escreve sobre esquemas motores.

Para Tani, padrões de movimento são: *"atividades voluntárias que permitem a locomoção e manipulação em diferentes situações, caracterizadas por uma meta geral, servindo de base para a aquisição futura de tarefas mais complexas, como andar, correr, saltar, arremessar, chutar, etc."*¹⁸. Seria uma espécie de "caminho seguro a ser trilhado" que garantisse e permitisse a execução de movimentos cada vez mais complexos.

Piaget nos esclarece afirmando que: *"Chamaremos de **esquemas de ações** o que, numa ação é transponível, generalizável ou diferenciável de uma situação à seguinte, ou seja, o que há de comum nas diversas repetições ou aplicações da mesma ação"*¹⁹. Isso significa que, para este autor, a criança vai adaptando esquemas a cada situação nova de movimento que encontra, sempre baseado no esquema feito anteriormente.

De uma certa forma estes dois autores defendem a mesma coisa: a criança necessita passar diferentes experiências para aumentar e ampliar o seu

¹⁸ TANI et al. *Op. cit.* p. 67

¹⁹ PIAGET apud FREIRE. *Educação de corpo inteiro.* p. 22

repertório motor. A forma como isto é encaminhado pelo dois autores é o que difere. Tani não propõe nenhuma metodologia para ser aplicada, apenas descreve, baseado nas idéias do desenvolvimentismo, os momentos ótimos para se iniciar o desenvolvimento de determinadas habilidades. Já Freire, propõe uma metodologia para desenvolver tais habilidades baseada em um tipo de prática corporal muito apreciada pelas crianças nas primeiras séries de Educação Infantil: o Jogar

O conteúdo jogo na obra de Freire é instrumentalizado para se conseguir algum objetivo motor, para desenvolver alguma habilidade. Segundo o próprio autor: "*Se for possível promover o desenvolvimento de uma habilidade motora dentro de um contexto de brinquedo, por que fazê-lo isoladamente*"²⁰. O ato de brincar, jogar passa a ser, ao invés do que pretende o autor, algo já pronto, acabado sendo que muitas vezes a criança não poderá sequer modificar a forma de jogar, pois há por trás deste jogo uma exigência muito maior. Talvez a criança não saiba contextualizar determinado jogo em sua sociedade mas seguramente terá desenvolvido determinadas habilidades como chutar, correr, saltar. Cabe ao professor julgar o que considera mais importante na formação geral do seu aluno.

O desenvolvimento integral é o objetivo destas duas metodologias, o que difere é que enquanto Tani estabelece um padrão para cada uma dessas habilidades básicas como sendo norma para todas as crianças de uma determinada faixa etária, Freire questiona a existência de padrões de movimento humano, pois acredita que é a criança que deve escolher a forma de movimentação adequada, dependendo de suas características psicológicas e biológicas, bem como das condições do seu meio social.

²⁰ FREIRE. *Op. cit* p. 134

Uma crítica a estas duas teorias é que ambas acabam delimitando o campo de ação da Educação Física, colocando-a em um contexto de prática desvinculada da parte social. Não que não seja importante considerar, estudar e entender os aspectos biológico do desenvolvimento humano, mas creio que isto se constitui em um conhecimento para o professor e que não deve ser pedagogizado, instrumentalizado. Assim, acabamos introduzindo as práticas corporais de uma forma descontextualizada desde as séries iniciais da educação escolar.

A educação escolar, de forma geral, está redimensionando o seu papel na sociedade e cabe a cada disciplina do currículo contribuir com o seu saber específico para este redimensionamento. É necessário que saibamos trabalhar os conteúdos clássicos de cada área de uma forma mais sensível, de forma que nem o aluno, e nem o professor, tenham que abandonar ou esquecer esta parte durante as aulas, mas que saibam compreender que um saber não está desvinculado do outro. O saber sensível, a sensibilidade pode e deve estar presente em nossa área pois trabalhamos com práticas corporais, que estão diretamente ligadas à nossa experiência pessoal/social em todos os níveis.

Creio que o primeiro passo é não considerar os alunos máquinas, mas pessoas inseridas em uma cultura que não pode ser desprezada. A esse respeito podemos citar Daolio quando afirma que:

"Ao trabalhar diretamente com o corpo dos alunos, o professor interfere na concepção e na representação que os alunos têm do próprio corpo. Interfere, por extensão, na própria cultura que dá suporte a essas representações. É possível afirmar que um professor de Educação Física, atento ao alcance cultural de sua prática, tem mais con-

dições de realizar um trabalho competente, por encontrar-se conectado com a realidade sociocultural em que vive."²¹

Olhar a Educação Física de forma mais ampla, contextualizando-a e considerando-a como uma prática social é de extrema importância para que nós possamos superar a idéia de que temos como função trabalhar apenas a parte física, biológica em nossas aulas.

O livro, Metodologia do Ensino de Educação Física, propõe que os conteúdos da cultura corporal sejam analisados em todos os seus aspectos: como atividade prática, como atividade inserida em uma cultura, e conseqüentemente como uma atividade social. Todas estes aspectos são interrelacionados, resultando numa prática mais consciente e de certa forma, mais prazerosa ao aluno que consegue enxergar um sentido mais amplo no que está fazendo.

Para os autores deste livro, a Cultura Corporal:

*"Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas"*²².

Os conteúdos da Educação Física, olhando sob o prisma da cultura corporal seriam os Esportes, as Lutas, os Jogos, a Ginástica e a Dança. Estes conteúdos são recriados na escola, pois, durante as aulas o conhecimento adquirido por outros meios(mídias, família, experiência pessoal) é reconstruído

²¹ DAOLIO. *Da cultura do corpo*. p. 96

²² COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. p. 38

de maneira pedagógica. Isto se constitui para o aluno como algo extremamente proveitoso pois dá a ele uma certa autonomia, e diferentemente das outras teorias que já vimos, coloca o aluno como co-criador do saber. É ele que, juntamente com o professor, vai reconstruir e redimensionar o conhecimento, sendo agente tanto na prática das atividades como nas discussões referentes a esta prática.

Este discurso é sustentado por uma teoria, denominada pelos próprios autores de "Crítico-superadora", que pretende dar ao aluno consciência da sua classe social, e elementos para transformá-la. É através do conhecimento aprendido na escola que o aluno poderá entender e modificar sua atuação nos modelos socialmente determinantes do esporte, no caso específico da Educação Física.

Complementando as idéias acima descritas, o grupo de trabalho pedagógico da Universidade Federal de Pernambuco e de Santa Maria, propõe um tipo de metodologia denominada "aulas abertas à experiências", que segundo os autores seriam: *"aquelas em que o professor admite que os educandos são pessoas que sabem atuar juntas, que devem entender-se conjuntamente quanto ao sentido das suas ações."*²³

Vemos neste tipo de prática um salto qualitativo muito grande, pois o corpo dos alunos é encarado como um corpo cultural, social e político que pode e vai aprender as manifestações da cultura corporal ao invés de simplesmente reproduzir um tipo específico de movimentação. É necessário considerar, no entanto, que a própria estrutura escolar faz com que o aluno pense de forma restrita sobre os temas das aulas de Educação Física. A começar pela própria aula que busca apenas passar para o aluno as formas esportivo-

²³ GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPE-UFSM. *Visão didática da Educação Física*. p. 7

motoras estereotipadas, sem que haja uma reflexão, um entendimento da própria prática, aceitando as regras impostas pelo professor como imutáveis e distanciando cada vez mais o esporte praticado na rua ou na comunidade do que o praticado na escola.

Em uma proposta de aulas abertas à experiência o aluno é o sujeito da ação, é quem vai estar ao lado do professor não solucionando regras já existentes e pré-definidas e reconhecendo-as como válidas, mas sim tentando compreendê-las e sabendo que tais regras podem ser mudadas desde que haja uma reflexão crítica sobre estas mudanças, que o grupo saiba porque e para que ela está sendo mudada.

Os autores legitimam este tipo de aula sobre três aspectos: uma legitimação didático-pedagógica, uma legitimação humana e, por fim, uma legitimação político-social.

A primeira diz respeito ao papel da educação e da didática com que estas aulas serão apresentadas, visando o desenvolvimento da capacidade de ação do indivíduo sem que isto seja reduzido à uma concepção individualista, mas sim deve permanecer claro o seu sentido histórico-social. A educação deve ser colocada na amplitude normativa que vai da auto realização individual à emancipação da sociedade. Para isto torna-se também necessário encarar as crianças com seriedade e os jovens como sujeitos que são capazes de atuar no mundo.

*"A ação pedagógica deve ser realizada no horizonte de experiências da criança e do jovem, para possibilitar a estes amplos conhecimentos, escalas de valores, modelos de ação, desenvolvendo, assim, a sua capacidade de atuar."*²⁴

²⁴ *Idem. Ibidem.* p. 34

No que diz respeito ao esporte, esta capacidade de atuação estaria presente quando se analisasse o esporte como algo socialmente regulamentado, como algo a ser aprendido, assistido, refletido e modificado.

Uma legitimação humana se faz necessária também já que iremos trabalhar com pessoas, seres humanos que necessitam rever ou aprender certos valores que só o exercício do diálogo e da reflexão poderão trazer. Um entendimento maior do que é ser um humano, do que é viver em sociedade, e saber atuar dentro dela de forma correta "*tendo condições de alterar interesses particulares em benefício do interesse social*"²⁵.

Esta ação humana inserida em um contexto de aula se mostraria quando professor e aluno planejam a aula conjuntamente, quando os processos de aprendizagem são realizados com abertura a novas experiências e quando os conteúdos de aprendizagem se referem a relações de vida cotidiana fora da escola, dando abertura para que o aluno possa exercitar todo o seu potencial humanístico, seus valores, normas e regras.

A legitimação político-social para este tipo de trabalho é imprescindível, pois, segundo os autores:

"...educação é sempre um ato político", e ainda

"...a opção por aulas abertas à experiência é, antes de tudo, uma opção político-pedagógica por uma forma de desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem em Educação Física e Esportes, coerentes com a perspectiva de transformação social, no ato de construir, no ato de opinar, na atitude de criticar, na revisão e ampliação do universo cultural, na organização de aulas que motivem as ações e reflexões..."²⁶

²⁵ *Idem. Ibidem.* p. 49

²⁶ *Idem. Ibidem.* p. 52

A partir destes quatro livros que foram analisados, é possível traçarmos alguns paralelos entre a Arte e a Educação Física tentando trazer para a nossa prática um pouco de sensibilidade para vermos os nossos alunos não como corpos capazes de executar determinadas tarefas, mas como seres humanos que são belos e possuem uma certa poesia. Muitas vezes calamos a voz que quer se expressar com o nosso corpo e queremos calar a dos nossos alunos também. O objetivo de trazer esta série de quadros para a nossa área é justamente para ficarmos mais sensíveis ao trabalharmos com algo tão precioso: o corpo. Se desde cedo nós soubermos mostrar aos nossos alunos a beleza, quase estética, existente em nossa prática, seja durante um jogo, uma luta ou na ginástica, estaremos formando pessoas mais conscientes e que irão valorizar muito mais o corpo de conhecimento proposto pela Educação Física.

O interessante ao olharmos os corpos apresentados nesta monografia é que nenhum deles é parecido, muito pelo contrário, cada um mostra uma rigidez, um sentimento, um desejo. É necessário que saibamos olhar nossos alunos como "obras de arte vivas", que também possuem características diferentes uma das outras, mas são belíssimas e nos chamam a atenção em alguns aspectos. Basta estarmos atentos para enxergarmos o que podemos propiciar de bom a este aluno, e o que podemos esperar dele. A prática só encontra sentido quando encontra o sentimento, o querer fazer, a alegria de se movimentar, e a confiança de saber que pode ser o que é.

Creio que aulas em que o aluno possa interagir, compreender o sentido da sua prática possibilitam uma maior aproximação com este corpo pois o sentido dado para a aula muda. Não existe a obrigação de ser perfeito de conseguir executar determinada tarefa, pois este não é o enfoque principal da aula. Conseguir fazer determinada ação é o produto final. O mais importante é a compreensão em todos os níveis do que se está fazendo.

O pedagogo francês Georges Snyders, afirma que "*a arte da criança possui qualidades e valores: a criança descobre que é capaz de se expressar, e que aquilo que ela expressa participa da sua auto construção e da exploração do mundo*"²⁷. Na arte a criança sente-se livre para expressar seus sentimentos e angústias . Seus desenhos mostram vivacidade, alegria, contentamento e outros estados interiores que deixam claro qual é a relação que a criança tem com o mundo. É um canal aberto para o diálogo entre o que a criança vive e o que ela gostaria de viver. Será que este mesmo estado não é possível existir nas aulas de Educação Física? Um estado de alegria, de descoberta do mundo, do sentimento de poder recriá-lo de acordo com sua imaginação?

Acredito fortemente que este será o caminho que devemos trilhar para que nossos alunos e até nós, professores, saibamos trazer de volta a alegria para nossas aulas. Segundo este mesmo autor, a escola deveria ser o lugar preparado para a satisfação cultural, onde o aluno pudesse pensar sobre o conjunto de saberes existentes no mundo, sem abrir mão de sua experiência de vida, mas sim, recriando-a.

De forma belíssima, e até fazendo uma analogia com os propósitos deste trabalho, Snyders nos alerta para as obras secundárias que servem como uma preparação do caminho, para que o aluno conheça as grandes "obras - primas" da humanidade. O interessante é perceber que o conceito de obra-prima para este autor é bastante abrangente e poderia incluir inclusive várias expressões da cultura corporal humana como a dança, a ginástica, as lutas, os esportes, o jogo e outras manifestações como a capoeira, o malabarismo, as artes circenses, etc. Segundo Paterniani:

²⁷ SNYDERS. *Alunos felizes*. p. 65

*"Estes conteúdos deveriam ser abordados numa perspectiva ampla, ressaltando os efeitos positivos e negativos de sua prática sobre o corpo humano, suas técnicas, no sentido do modo mais adequado para se atingir um objetivo, levando-se em conta o respeito ao adversário e a si mesmo, e sua importância histórica e cultural, proporcionando ao aluno uma reflexão sobre o significado que uma ação corporal tem e pode ter em sua vida e na sua sociedade."*²⁸

Este corpo de conhecimentos, considerados por Snyders como obras primas, existem em todas as áreas e de certa forma se interrelacionam por tratarem de um conhecimento comum: o conhecimento do ser humano em relação ao mundo nos mais diferentes aspectos. É necessário que estes conhecimentos sejam abordados a fim de que o aluno possa vislumbrar esta relações. Snyders afirma que :

*"Minha escola tem o intuito de colocar a obra prima um pouco mais ao nosso alcance, para que os alunos se aproximem dela sem serem esmagados e sim, ao contrário, para que extraiam do seu caráter excepcional toda a alegria que pode atingir as pessoas comuns, as pessoas que não são geniais, portanto os alunos que ainda não são geniais."*²⁹

Creio que o universo da Arte, o encontro com as grandes obras primas da pintura me fizeram buscar esta "alegria cultural" proposta por Snyders em outro campo: o da Educação Física, e tentar extrair deste encontro, por ora belo, por ora amedrontador, possíveis ligações de um campo de conhecimento ao outro. Me assustei ao perceber que a arte tinha muito a me dizer não sobre um jeito novo, revolucionário para trabalhar a Educação Física, uma meto-

²⁸ PATERNIANI. *Pedagogia e Educação Física escolar: querer e querelas*. p. 10

²⁹ SNYDERS. *Op. cit.* p. 164

dologia diferente, ou algo deste tipo. A arte me trouxe uma maior sensibilidade para encarar nossa profissão e trabalhar com os alunos para que olhem a cultura corporal como um quadro que, é construído sem pressa, onde nas primeiras séries do ensino fundamental, são feitos os primeiros esboços, que aos poucos vão ganhando cores, rostos e definições. E que saibam que este quadro pode e deve ser modificado ao longo da vida, por conta de novas experiências, novas ambições e novos sonhos.

Lista de Figuras

Figura 1 - Dalí, Salvador

Título do quadro: “Criança geopolítica observando o nascimento do homem novo” (1943)

Fonte: Dalí. Editora Taschen.

Figura 2 - RENOIR, Pierre-Auguste

Título do quadro: “Depois do banho” (1888)

Fonte: Os grandes artistas - romantismo e renascimento. Ed. Nova Cultural.

Figura 3 BUONARROTI, Michelângelo

Título do quadro: “A criação do homem” (1508/1512)

Fonte: Os grandes artistas - Michelângelo. Ed. Nova Cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luis. Cinco visões pessoais, Brasília: Editora da UNB, 1996.

CALVINO, Ítalo. Palomar, Lisboa: Teorema, 1985.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia, São Paulo: Ática, 1994.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de Educação Física, São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, Jocimar. Da cultura do corpo, Campinas: Papirus, 1995.

FREIRE, João Batista . Educação de corpo inteiro, São Paulo: Scipione, 1994.

GOMBRICH, E.H. A história da arte, Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos editora, 1993.

GONÇALVES, Maria Augusta Salim. Sentir, Pensar e Agir - Corporeidade e Educação. Campinas: Papirus, 1994.

GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPE-UFSM. Visão didática da Educação Física. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1991.

NÉRET, Gilles. Dalí. Lisboa: Taschen, 1994.

OS GRANDES ARTISTAS - Romantismo e Impressionismo: Van Gogh, Renoir, Manet. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1984

OS GRANDES ARTISTAS - Michelângelo. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1986.

PATERNIANI, Paulo Ernesto Stipp. Pedagogia e Educação Física: quereres e querelas. Campinas: Unicamp, 1996

SNYDERS, Georges. Alunos Felizes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993

TANI, GO et al. Educação Física Escolar - fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.